

Cidades.

Fogo atinge reserva

Um incêndio destruiu 40% da Reserva Ecológica de Itapina, em Colatina, Noroeste do Estado. A área queimada equivale a 40 campos de futebol. *Página 10*

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

MENINOS NO TRÁFICO

NÚMERO DE INTERNADOS SOBE 20 VEZES EM 10 ANOS

24% dos adolescentes internados envolveram-se com o crime

/// DANIELLA ZANOTTI
dzanottii@redgazeta.com.br

Uma legião de crianças e adolescentes é empurrada, todos os anos, para o tráfico de drogas. Em dez anos, o número de jovens internados no Espírito Santo por causa desse crime aumentou em mais de 20 vezes. Levantamento do jornal Folha de São Paulo, com dados da Secretaria de Direitos Humanos, aponta que, em 2002, essa parcela era de 1,7%. Em 2011, o percentual dos adolescentes atingiu 24,4%.

Além do crescimento do consumo de drogas, outros fatores já conhecidos explicam a explosão desse fenômeno. “As escolas públicas não são atrativas, e muitos adolescentes não conseguem fazer curso profissionalizante por causa da defasagem série-idade. Eles não conseguem acompanhar o conteúdo. Essa falta de oportunidades para conseguir um emprego e a facilidade de acesso à droga, que representa uma forma rápida

ESTATÍSTICAS NO ESPÍRITO SANTO

Adolescentes internados em 2012

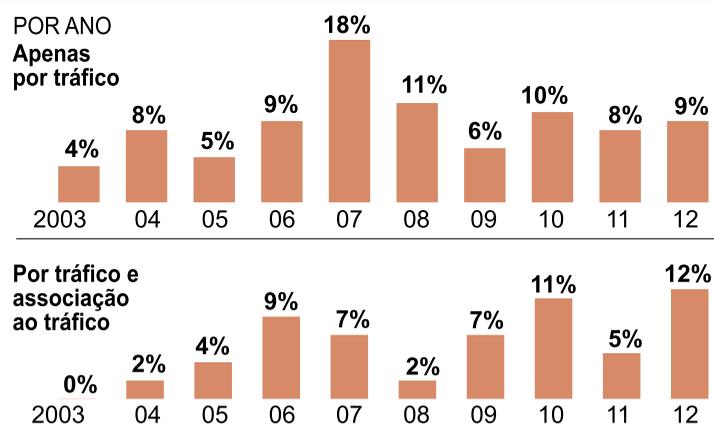


Internados em 2002 por tráfico 1,7%

PERFIL

Média de idade: 15 a 17 anos

A maioria abandonou os estudos ou apresenta defasagem de série na escola



Fonte: Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases) e Jornal Folha de São Paulo

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

da e fácil de ganhar dinheiro, levam muitos a traficar”, afirma a juíza coordenadora das Varas de Infância e Ju-

ventude do Espírito Santo, Janete Pantaleão.

Falhas no sistema socioeducativo também são

apontadas como razão da alta reincidência. A juíza diz que os municípios não possuem estrutura para

que as medidas socioeducativas em meio aberto sejam devidamente cumpridas. Como consequência, o

adolescente reincide no crime e acaba, mais tarde, encaminhado para as unidades de internação.

“No município, o mesmo técnico que cuida do idoso, das crianças e do deficiente físico também cuida desse adolescente em conflito com a lei. É uma desordem. O Estado não se organizou para isso”, diz. A juíza destaca que a gestão pública das unidades é muito deficiente, inclusive naquelas geridas pelo Estado.

“Quando a gestão pública é compartilhada com a privada, é visível a evolução do jovem. O projeto pedagógico é construído para ele, com várias atividades. Mas quando se trata de unidades provisórias e da Unidade de Atendimento Inicial (Unai), com gestão apenas pública, o que flagramos é superlotação”, afirma. Segundo ela, na Unidade de Internação Provisória (Unip), em Cariacica, há meninos que já têm decisão da Justiça, mas permanecem ali por causa de falta de vagas.

80% dos detidos voltam a cometer crimes

/// Pelo menos oito em cada dez adolescentes que são detidos por tráfico de drogas e ficam em liberdade assistida voltam a cometer crimes. Nessa medida socioeducativa – de gestão dos municípios –, os jovens têm direito a atendimento psicossocial, mas não ficam internados.

No caso dos menores

que cumprem a medida socioeducativa em regime fechado e depois retornam ao sistema tendo cometido outro ato infracional, a reincidência é de 13%, segundo o diretor-presidente do Iases, Lindomar José Gomes. “Esse percentual já foi maior, mas a meta é continuar reduzindo. Conseguimos muitas melhorias

nas unidades. Psicólogos, pedagogos, agentes socioeducativos e assistentes sociais são comprometidos.”

O diretor admite a superlotação nas unidades provisórias e destaca que mudanças são discutidas. “O atendimento inicial envolve também o sistema de Justiça.” Com relação às unidades de internação, Gomes afirma que os adolescentes participam de oficinas de rádio, música, teatro, horta, além de frequentarem ensino formal.

ANÁLISE

Falta estrutura no Estado e na família

/// Grande parte dos usuários trafica para sustentar o próprio vício. Há vários relatos de jovens que começaram a usar e a traficar drogas com apenas 7 anos de idade. O Estado é ausente na formação das crianças, e há falta de estrutura das famílias. Dessa forma, a criança e o adolescente são,

facilmente, catequizados para trabalhar no tráfico. Sem referência familiar e sem educação de qualidade, eles começam a enxergar os traficantes da periferia como símbolos de heroísmo, munidos com suas armas e com dinheiro rápido. A pena de até três anos em regime fechado também

não assusta o adolescente, que não tem medo de se aventurar na criminalidade. Eles têm certeza da impunidade, então continuam traficando. As medidas socioeducativas também não funcionam, colaborando para a reincidência. É preciso investir na prevenção.

— FRANCISCO VELLOZO
PSICANALISTA E ESPECIALISTA EM DEPENDÊNCIA QUÍMICA